

## A PESCA E SUAS IMAGENS REFORÇANDO E DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS

Eduardo Schiavone Cardoso  
Depto. Geociências/UFSM  
educard2026@gmail.com

**Resumo:** O texto apresenta o Caderno Didático, intitulado “Mar, pesca e aquicultura: subsídios para o estudo de Geografia do Brasil”, a partir das imagens selecionadas presentes na publicação. Reflete a preocupação de desvendar alguns dos aspectos de atividade dos pescadores artesanais, a partir do entendimento da importância e configuração dos espaços marinhos e litorâneos brasileiros, sua diferenciação regional, os meios de produção da pesca de pequena escala marítima e aspectos da organização social, econômica e espacial dos trabalhadores da pesca e seus embates. Objetiva a apresentação de imagens que discutam os estereótipos e pré concepções sobre a atividade pesqueira e os espaços litorâneo e marinho.

**Palavras Chave:** Pescadores; Pesca; Caderno Didático; Imagens

### INTRODUÇÃO

A proposição do entendimento da geografia do setor pesqueiro, desenvolvido ao longo da formação desde a década de 1980, foi sempre permeada da tentativa de enfrentamento de alguns estereótipos, derivados de uma concepção parcial do trabalho dos pescadores, da ausência de informações sobre as atividades marítimas e pesqueiras, aliada a uma representação social do sentido deste trabalho e dos espaços onde ele se realiza. O presente texto pretende trabalhar tais questionamentos, utilizando-se das práticas educativas desenvolvidas ao longo da Disciplina “Geografia, pesca e aquicultura”, ofertada para os cursos de graduação de Geografia da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, com foco no material iconográfico produzido neste período.

Ofertada como uma Disciplina Complementar de Graduação – DCG, desde 2006, inicialmente intitulada “Geografia e a questão pesqueira”, essa disciplina foi reformulada a partir de 2013, passando a ser nomeada de “Geografia, pesca e aquicultura”. Na disciplina, com o objetivo de tratar a temática da produção do pescado do ponto de vista do conhecimento geográfico, dos campos de atuação do geógrafo, bem como das questões do ensino de geografia e da invisibilidade da pesca no rol dos currículos escolares, mais de uma centena e meia de discentes tiveram contato com os processos de produção da pesca e da aquicultura, seus sujeitos e espaços produtivos e uma gama de questões que permeiam a temática, em suas relações com a sociedade, a natureza, a cultura. Mais de trinta destes discentes continuaram trabalhando com a questão em trabalhos de conclusão de curso e projetos de iniciação científica.

Um Caderno Didático foi produzido e publicado em 2012, através da Série Naturais & Exatas n. 9 do Centro de Ciências Naturais e Exatas – CCNE da UFSM. Intitulado “Mar,

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

pesca e aquicultura: subsídios para o estudo de Geografia do Brasil”, sua publicação concretizou uma proposta antiga de elaboração de um material de apoio para estas discussões. A Figura 1 apresenta a capa da publicação, que tem seu sumário reproduzido na Figura 2, de modo a permitir ao leitor apreender os temas trabalhados e sua sequência no interior do Caderno Didático<sup>1</sup>.

Figura 1 – Imagem da capa do Caderno Didático



Fonte: foto do autor

<sup>1</sup> Na concepção desta ideia, ainda nos anos de 1980, o Prof. Raul Borges Guimarães é um dos principais parceiros, além de outros colegas professores que compartilhavam as questões do ensino fundamental e da Geografia da vida. O Caderno Didático, em sua versão digital, pode ser acessado no site da Biblioteca da UFSM.

Figura 2 - Sumário da Publicação

<b>INTRODUÇÃO</b>
<b>1. O LITORAL E A FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO BRASILEIRO</b>
<b>2. CARACTERIZAÇÃO DO LITORAL BRASILEIRO</b>
<b>3. A ZONA LITORÂNEA E SEUS ECOSISTEMAS</b>
<b>4. A ZONA COSTEIRA E AS FRONTEIRAS MARÍTIMAS: O TERRITÓRIO EM CONSTRUÇÃO</b>
<b>5. A ATIVIDADE PESQUEIRA E AQUÍCOLA NO BRASIL</b>
<b>6. GEOGRAFIA DA PESCA</b>
<b>7. DEMAIS USOS DO LITORAL E DO MAR NO BRASIL</b>
<b>8. O ESPAÇO LITORÂNEO E OS SUJEITOS SOCIAIS</b>
<b>9. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>
<b>10. BIBLIOGRAFIA</b>

Fonte: o autor

Para o desenvolvimento do presente texto, serão apresentadas algumas das imagens que compõem o Caderno Didático, acompanhada de outras produzidas em momentos diversos, analisadas na tentativa de contribuir com o entendimento do setor pesqueiro. O foco da análise remete à pesca extrativa marinha, levada a cabo pelos pescadores artesanais, que por si já permite um conjunto de reflexões. Serão deixados para outro momento, a pesca fluvial, a coleta e a produção da aquicultura marinha, continental e litorânea.

## DESENVOLVIMENTO

Para discutir a pesca marinha e as imagens a ela reportadas no Caderno Didático, foram selecionados mapas, imagens aéreas, esquemas gráficos, fotografias, pinturas e gravuras. Os itens desta seção são definidos a partir de alguns dos temas trabalhados, a saber: o espaço marinho; o espaço litorâneo; os meios de produção na pesca; o processo de trabalho.

O espaço marinho é associado à imensidão, indivisa e misteriosa. À medida que avança sua apropriação, o desconhecido e os seres monstruosos vão perdendo espaço para os interesses da pesca comercial, da exploração mineral, da caça, do transporte.

Ao se referir ao mar alto, pescadores descrevem de forma muito objetiva: “ali é só mar e céu” (Figura 3). Os referenciais de terra tornam-se invisíveis e a localização se realiza com a leitura dos astros, das direções das ondas, da profundidade, das correntes marinhas e dos ventos, aperfeiçoada com os instrumentos e tecnologias desenvolvidas no correr dos tempos.

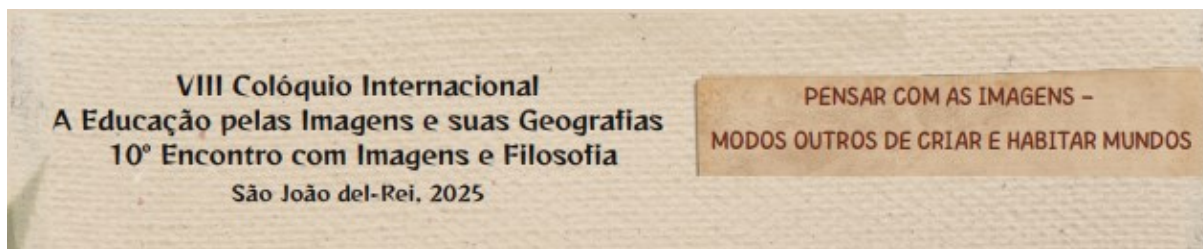


Figura 3 – Mar e Céu - Montagem realizada pelo autor, como ilustração presente na capa da Tese de Doutorado - 2001

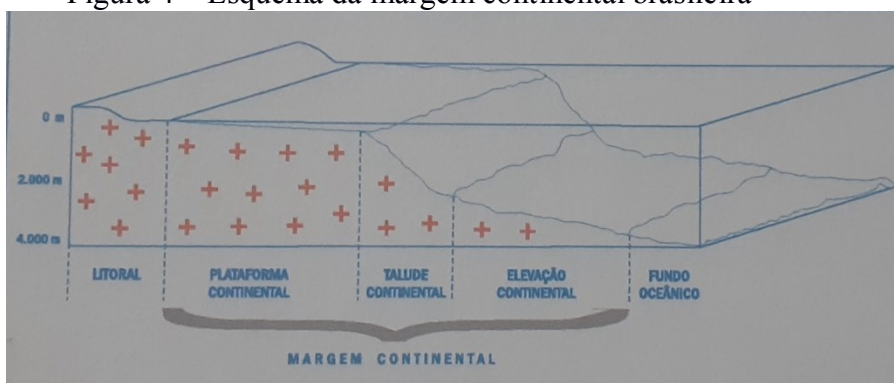


Fonte: o autor

Na medida em que o mar avança, como um espaço estratégico de produção e circulação, os nacionalismos marinhos se movimentam e as fronteiras marinhas passam a ser debatidas. A CONVEMAR – Convenção das Nações Unidas para o Direito do Mar, de 1982 definiu os critérios básicos para a regulamentação dos espaços marinhos, que passa a vigorar a partir da década de 1990, incluindo os conceitos de Mar Territorial, a Zona Econômica Exclusiva, a Plataforma Continental.

Como representar esses espaços, aparentemente indivisos e sua apropriação? As cartas náuticas ajudam a entender a batimetria e uma tentativa esquemática foi elaborada no caderno didático (Figura 4), apresentando a chamada margem continental, como forma de apresentar os condicionantes da definição dos limites marinhos.

Figura 4 – Esquema da margem continental brasileira



Fonte: o autor, adaptado de Ross, 1998

A partir destes dispositivos legais, o território brasileiro passa a exercer sua soberania e direitos de soberania por mais de 4 milhões de quilômetros quadrados de mar, incluindo suas dimensões horizontais e verticais – superfície, coluna de água e fundos oceânicos, em um processo recente e ainda em curso. Os pleitos do governo brasileiro para o reconhecimento da plataforma continental situada além das 200 milhas náuticas, passaram a ser acompanhados das imagens dos espaços marinhos em debate na comunidade internacional, sendo difundidas na imprensa com a chamada “Amazônia Azul” (Figura 5).

Figura 5 - Os limites marinhos do espaço brasileiro



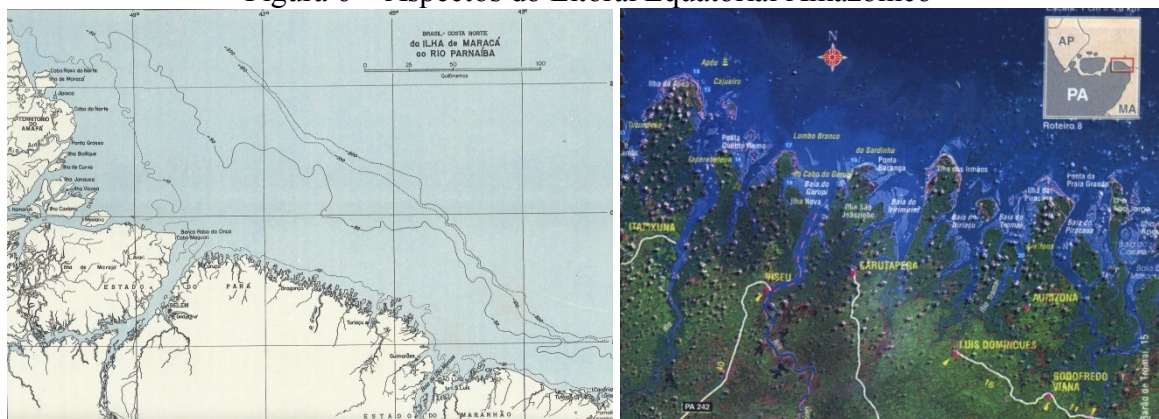
Fonte: Câmara dos deputados, 2021

Com relação ao litoral brasileiro e sua diferenciação, a setorização proposta por Ab'Saber (2003) foi utilizada, acompanhada dos mapas presentes na obra de Silveira (1964) e imagens de satélite extraídas de guias turísticos, de modo a possibilitar o entendimento de

algumas características da linha da costa brasileira, em sua morfologia, que apresenta condicionantes que se relacionam com a ocupação e o desenvolvimento de práticas de pesca.

A porção do litoral apresentada na Figura 6 compreende o Litoral Equatorial Amazônico, conforme Ab'Saber (2003) e em destaque o conjunto das reentrâncias características do litoral leste paraense e oeste do Maranhão. Grandes áreas de manguezais predominam nesse setor, assentados nos terrenos argilosos, com uma ampla plataforma defronte ao litoral e que recebe a carga sedimentar descarregada pela drenagem amazônica. Configura-se uma área de intensa atividade pesqueira, com presença de operações da arrasto, pesca de emalhe, espinhéis e armadilhas diversas de captura próximas ao litoral.

Figura 6 – Aspectos do Litoral Equatorial Amazônico

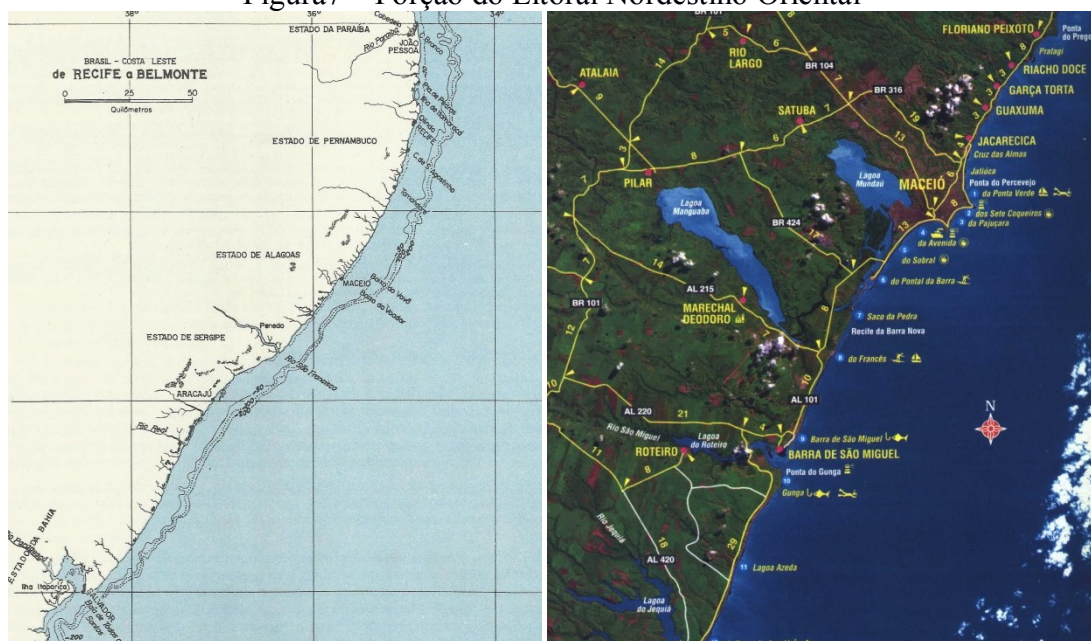


Fonte: Silveira, 1964; Guia, 1997

A transição do Litoral Amazônico para o Litoral Nordeste Setentrional se realiza a partir da costa leste maranhense e este setor se estende até o litoral norte do Rio Grande do Norte. Se esta porção do litoral brasileiro se alinha em uma direção geral no eixo leste-oeste, a partir do Cabo do Calcanhar o alinhamento se direciona no eixo norte-sul, iniciando o setor denominado Litoral Oriental do Nordeste, na proposta de Aziz. Esta porção do litoral nordestino se diferencia da anterior por conta da presença de uma rede de drenagem mais abundante, uma umidade maior que possibilita o estabelecimento das formações florestais da Mata Atlântica, em associação com os manguezais e demais ecossistemas litorâneos.

Defronte ao litoral nordestino em suas duas porções e se estendendo mais ao sul, linhas de recifes se apresentam, em algumas áreas paralelas e próximas à costa e em grandes conjuntos que apresentam uma grande biodiversidade e espécies de pescado de alto valor comercial. Uma pesca de linha, espinhéis e armadilhas se adaptam à captura dos peixes e lagostas que habitam estes ambientes. Por sua feita, uma plataforma continental mais estreita, com fundos rochosos e de cascalhos, inibe operações de arrastos de grande porte. A Figura 7 procura demonstrar algumas das características descritas, com destaque às lagoas presentes no litoral alagoano.

Figura7 – Porção do Litoral Nordestino Oriental



Fonte: Silveira, 1964; Guia, 1997

Seguindo em direção ao sul, a proposta do Professor Aziz apresenta o Litoral Leste, que se estende de Sergipe até o Espírito Santo, onde inicia o Litoral Sudeste, que tem como grande diferencial a presença das escarpas dos planaltos de sudeste e sul, denominados de Serra do Mar, em alguns trechos. As formações florestais da Mata Atlântica apresentam grandes porções remanescentes, associadas às encostas e maciços costeiros. Estes, por sua vez e em alguns trechos, sobrepõem à linha da costa e “mergulham no mar”, formando um litoral muito recortado e com presença de inúmeras ilhas de rochas cristalinas.

A plataforma continental defronte ao Litoral Sudeste vai apresentar grandes áreas de exploração de petróleo e gás, decorrentes das características geológicas dos fundos oceânicos e uma extensão mais ampla, quando se direciona para o sul. Do ponto de vista das atividades pesqueiras, essa configuração possibilita a pesca de arrasto de camarões e peixes demersais, além da presença dos estoques de sardinhas e outras espécies favorecidas pela ressurgência das águas frias do fundo, nas proximidades de Cabo Frio – RJ. O litoral catarinense vai marcar a passagem do Litoral Sudeste para o Litoral Sul, marcado pelas planícies costeiras de grande extensão onde está embutido o maior conjunto de lagoas e lagunas costeiras do país, com o destaque para a Lagoa dos Patos e os cordões arenosos que a separam do Atlântico (Figura 8).

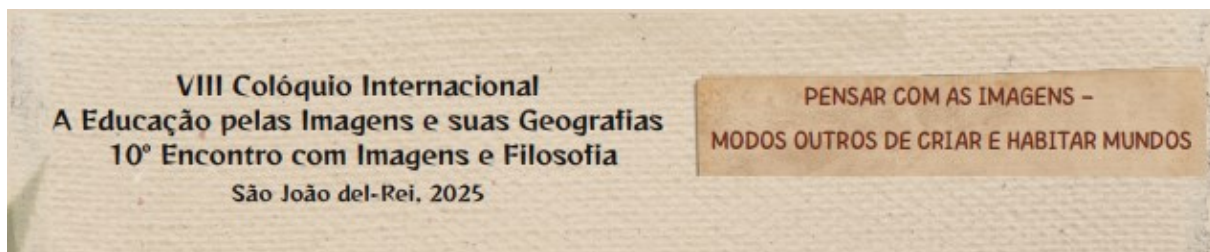
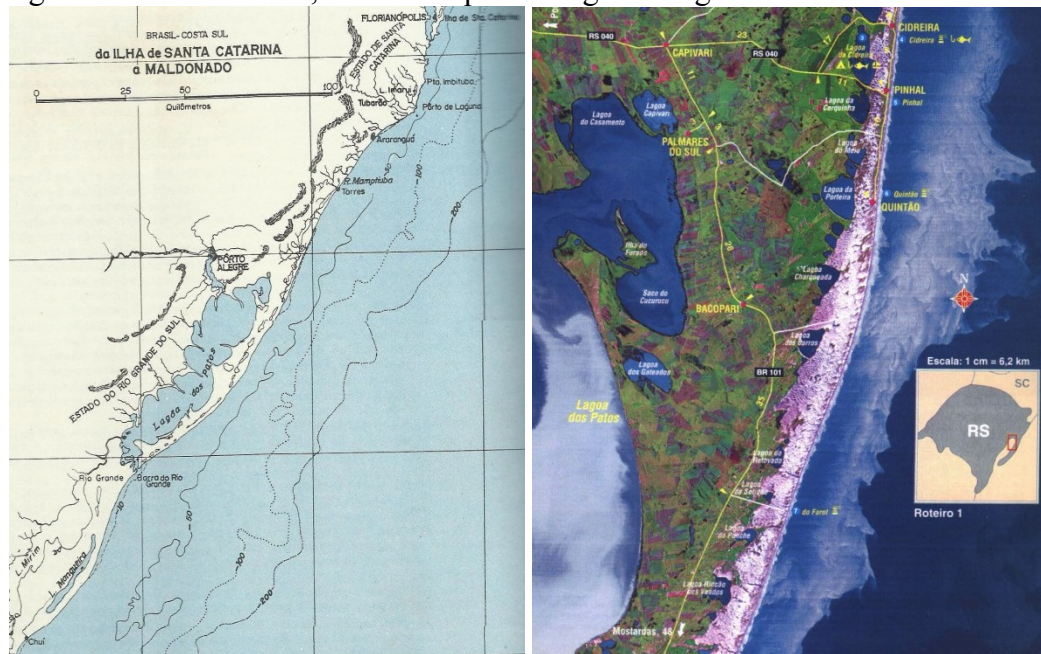


Figura 8 – O Litoral Sul, com destaque das lagoas e lagunas do Rio Grande do Sul



Fonte: Silveira, 1964; Guia, 1997

Ao descrever e apresentar visualmente a diferenciação dos espaços marinhos, a proposta é associar tais características aos meios de produção que são empregados na pesca artesanal. Foram selecionados quatro tipos de embarcação, que comportam singularidades, dentre a imensa diversidade de artes, apetrechos e embarcações de pesca presentes ao longo do litoral brasileiro.

Dentre os folcloristas é encontrada a distinção de áreas culturais no litoral brasileiro, tendo por base o predomínio da canoa e da jangada – duas embarcações presentes entre os povos indígenas pré-colombianos e que foram sendo transformadas ao longo das contribuições técnicas das mais diversas origens. A canoa se caracteriza por ser construída a partir de um único tronco de árvore escavado e a jangada por ser construída pela amarração de vários troncos de árvores, de diâmetro menor, em suas constituições primeiras. Ambas receberam adaptações para a propulsão a vela, maior estabilidade para a navegação, possuem tamanhos diversos e motorização (especialmente no caso da canoa). O nordeste era identificado como a área da jangada, o sul e o norte com o domínio das canoas e ainda hoje a presença destas embarcações permite demarcar uma geografia da pesca artesanal. Do ponto de vista das adaptações às características costeiras, a jangada permite transitar entre as áreas de recifes com maior facilidade e segurança, em virtude do pequeno calado (Figura 9).

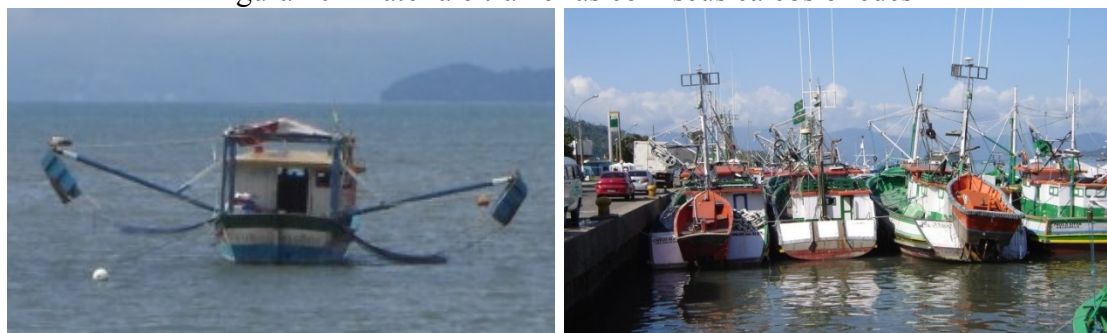
Figura 9 – A canoa e a jangada como marcas culturais da pesca artesanal



Fonte: fotos do autor

As duas outras embarcações destacadas, dizem respeito à bateira e à traineira. Cada uma destas embarcações se associa a uma rede e técnica de captura específica. No caso da bateira equipada com os tangones, realiza-se a pesca de arrasto de portas. Com o barco em movimento a rede é puxada, arrastando pelo fundo a procura, principalmente, de camarões e outras espécies demersais. Após um tempo a rede é recolhida e seu conteúdo despejado e selecionado, com o pescado não aproveitado devolvido para o mar, geralmente morto. A traineira carrega a rede de traina, que é lançada ao mar buscando fazer a captura dos peixes - em especial sardinhas e demais peixes pelágicos, com o auxílio de uma pequena embarcação, por vezes denominado caíco. Esta embarcação mais ágil carrega uma ponta da rede, envolve o cardume e completa o cerco, retornando para a embarcação principal onde o pescado é recolhido (Figura 11).

Figura 10 - Bateira e traineiras com seus caícos e redes

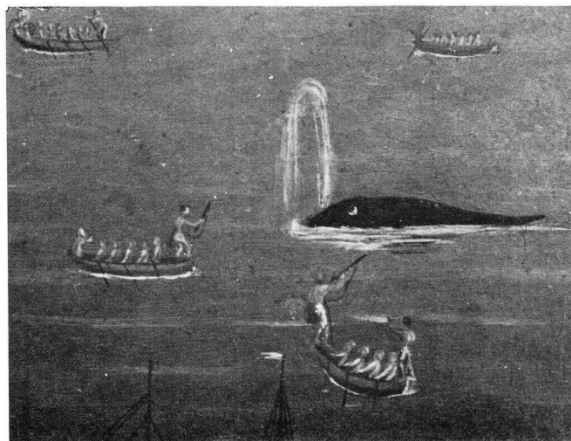


Fonte: fotos do autor

Com relação às formas de organização do trabalho no setor pesqueiro, a pesca artesanal tem uma existência antiga, presente na história do Brasil, realizada pelos povos originários, trabalhadores escravizados, populações rurais e urbanas produtoras de alimentos para seu consumo e para o abastecimento das vilas e cidades. Como uma modalidade da pequena produção mercantil, de acordo com Diegues (1983), é realizada pelos proprietários dos meios de produção e seus familiares, ou vizinhos, que dominam o saber fazer e o processo de trabalho, utilizando de embarcações de pequeno porte e técnicas de baixo poder de predação.

Coexistiu com outras formas de organização da produção, como as feitorias e armações baleeiras (Figura 12), monopolizadas pela administração colonial, e com a industrialização induzida pelo Estado através da SUDEPE - Superintendência de Desenvolvimento da Pesca, nas décadas de 1960 a 1980, resistindo aos processos de espoliação de seus espaços e objetos de trabalho, respondendo pela metade da produção extrativa do pescado marinho no Brasil, ainda hoje.

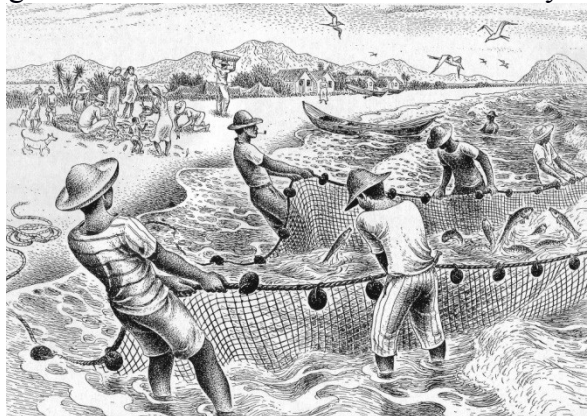
Figura 12 - A pesca da baleia - detalhe da tela de Leandro Joaquim - Séc XVIII



Fonte: Ellis, 1969

Na Figura 13, o processo de trabalho é retratado por Percy Lau, principal ilustrador dos “Tipos e aspectos de Brasil”, presentes nas publicações do IBGE. Os personagens do século passado se atualizam, acrescidos de novas problemáticas, com as turmas de pesca reconhecidas em sua forma de organização e suas práticas culturais e territoriais, que caminham com as perspectivas de defesa da natureza.

Figura 13 - Pescadores do Litoral Sul - Percy Lau



Fonte: IBGE, 1956

## CONCLUSÃO

Há uma visão idílica da pesca, alimentada por imagens belas, refletindo a coragem e valentia de quem enfrenta o mar, moradores de comunidades integradas com a natureza, vivendo em recantos paradisíacos. Há também um contraponto, o caçador de peixes, a sujeira e o odor proveniente do trato do pescado, a precariedade e pobreza das habitações.

As praias e o litoral, associados ao desfrute do ócio e do lazer, não desvela o trabalho e as contradições do mundo da pesca. As praias, quase não abrigam os pescadores. Os tanques de carcinicultura e as estruturas de geração de energia marcam cada vez mais as paisagens do litoral. Os ecossistemas e recursos, igualmente, cada vez mais degradados. Estas e outras questões motivaram a produção do Caderno Didático, descrito neste artigo, buscando dar visibilidade às demandas de um sujeito social que articula mar e terra na sua reprodução econômica e social.

Espera-se que as imagens evocadas no texto tenham permitido problematizar a questão.

## REFERÊNCIAS

AB'SABER, A. N. **Litoral do Brasil**. São Paulo: Metalivros, 2003.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Deputados apoiam comissão mista para acompanhar ações na Amazonia Azul**. In <[www.camara.leg.br/noticias/513085-deputados-apoiam-comissao-mista-para-acompanhar-acoes-na-amazonia-azul](http://www.camara.leg.br/noticias/513085-deputados-apoiam-comissao-mista-para-acompanhar-acoes-na-amazonia-azul)> Acesso em 18/09/2021

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

DIEGUES, A. C. S. **Pescadores Camponeses e Trabalhadores do Mar**. São Paulo: Ed. Ática, 1983.

ELLIS, M. **A Baleia no Brasil Colonial**. São Paulo: Melhoramentos/Edusp, 1969.

GUIA DE PRAIAS. São Paulo, Ed. Abril, 1997.

IBGE. **Tipos e Aspectos do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1956.

ROSS, J. L. S. (org.). **Geografia do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1998.

SILVEIRA, J. D. Morfologia do Litoral. In **Brasil: A Terra e O Homem**. São Paulo: Editora Nacional, v. 1, 1964.